

Resistência e revolução poética

Jurema Oliveira¹ 

Universidade Federal do Espírito Santo

Dossiê | Dossier | Dossier

DOI do artigo: 10.22481/odeere.v7i1.10486

RESUMO

As autoras Alda Espírito Santo e Conceição Lima visitam um passado próximo de suas infâncias, mas também um passado mais remoto de uma época em que as narrativas negras são-tomense adquiriram corpo por meio das vozes dos avós, bisavós e tataravós. As narratologias de matriz africana recorrem há um tempo cosmogônico inserido no cenário ordenado e em equilíbrio, articulando discurso, prática e resistência na forma como elaboram seus alimentos, seus rituais diários de convivência, de organização familiar, apesar das vicissitudes da vida diária em um país movido pelas forças ancestrais na forma de estar no mundo. No entanto, o formato de contação e construção poética precisavam trazer para a cena poética os substratos históricos não condizentes com aquela contação tradicional.

Palavras chave: poesia, história, revolução.

Resistance and poetic revolution

ABSTRACT

The authors Alda Espírito Santo and Conceição Lima visit a past close to that of their childhoods, but also a more remote past of a time when black narratives are tome acquired through the voices of grandparents, great-grandparents and great-grandparents. Narratologies of African origin have recurred for a cosmogonic time inserted in the orderly and balanced scenario, articulating discourse, practice and resistance in the way they prepare their food, their daily rituals of coexistence, of family organization, despite the vicissitudes of daily life in a country. moved by ancestral forces in the way of being in the world. However, the storytelling format and poetic construction needed to bring to the poetic scene the historical substrates not consistent with that traditional storytelling.

Keywords: poetry, history, revolution.

Submetido em: 09/03/2022 | **Aceito em:** 15/04/2022

A palavra singular absorve os preceitos necessários às práticas cultural, artística e filosófica com a amplitude somente percebida na praticidade diária dos conceitos advindos da experiência ancestral. De acordo com Oliveira:

O homem constitui-se na síntese fundamental dos elementos vitais agrupados na matéria corpórea que unifica o princípio de animalidade, espiritualidade e de imortalidade do ser humano que atinge o nível de preexistente. Nesse sentido, podemos pensar os caminhos trilhados por escritores que buscam no mundo empírico os elementos necessários à construção de uma identidade literária que traz à tona as marcas, o lugar e o não lugar dos antepassados devido aos conflitos sociais vigentes (2018, p. 83).

De acordo com Fábio Leite, os ancestris conceitualmente são entes escolhidos, os preexistentes, detentores da força vital:

¹ Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes, pesquisadora da Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – Fapes na modalidade de Pesquisador Capixaba 2019-2021. juremajoliveira@hotmail.com

(...) instrumento ligado á estruturação da realidade consubstancia[da] na figura do preexistente, que é tomado como a fonte mais primordial dessa energia, dela servindo-se para engendrar a ordem natural total dentro de situações ligadas especificamente a cada sociedade, que, assim, define seu próprio preexistente. A origem divina da força vital e a consciência da possibilidade de sua participação nas práticas históricas explicam a notável importância que lhe é atribuída e, não raro, a sacralização de várias esferas em que se manifesta. Outra característica desse elemento estruturador é a de que sua qualidade de atributo vital dos seres, abrangendo os reinos minerais, vegetal e animal, estabelece individualizações que se hierarquizam segundo as espécies e faz a natureza povoar-se de forças ligadas aos seus mais variados domínios².

No período colonial desenvolve-se uma sociedade em duas dimensões, ou melhor, em duas velocidades: uma tradicional - pautada em práticas milenares - e outra colonial – imposta por um sistema autoritário que estabelece um novo referencial histórico para toda a comunidade:

(...) a conquista colonial no fim do século XIX constitui uma ruptura maior com essa forma de expressão histórica veiculada pelas tradições orais e os tarikhhs, que serão colocados entre parênteses pela escola colonial (...). Uma sociedade em duas velocidades vai operar uma linha de divisão entre uma elite tradicional, que preza seu saber antigo, e uma elite colonial, obrigada a aprender na escola a história dos vencedores para melhor desprezar o próprio passado. Essa vontade de exclusão da história da maioria da população marginalizada pela escola colonial constitui um dos fundamentos ideológicos do sistema de dominação. Mas não se pode absolutamente excluir um povo da história nem impedi-lo de viver sua história e, conseqüentemente, de contá-la a si mesmo, por tê-la vivido na própria carne. (BARRY, 2000, p.15).

A ruptura aparente dos princípios norteadores do viver bantu na era colonial desponta no pós-independência com força total, pois “a tradição dos oprimidos conquistou o direito à palavra” (Éclea Bosi, 1994, p.26). Nesse sentido, a matéria lembrada é manuseada no plano artístico de maneiras distintas. Na fase pós-guerra, o discurso literário busca reafirmar práticas suspensas com o advento da colonização. Sendo assim, o estatuto do ancestral pode ser percebido na poesia, no conto, no romance, no cinema, na pintura e nas artes em geral. De acordo com Beatriz Sarlo, a “dupla utilização de ‘lembrar’ torna possível o deslocamento entre lembrar o vivido e ‘lembrar’ narrações ou imagens alheias e mais remotas no tempo”. (2007, p.90).

Entender a conformidade advinda do discurso da resistência e da revolução

² LEITE, Fabio Rubens da Rocha.
<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/11/Valores-civilizatorios-em-sociedades-negro-africanas4.pdf>

promovida por meio da palavra precisa e comprometida com os preceitos não se faz de forma aleatória, pois o vínculo desse mundo com aquele para além da materialidade caminham juntos para promover em toda sociedade os benefícios ancestrais. Segundo Oliveira,

O cuidado com os preceitos envolvendo o ritual de passagem está implicado com toda a dinâmica da vida comunitária. Desde o cultivo da terra até a mais complexa prática organizacional do grupo. A terra na qual repousam os antepassados é a mesma que alimenta os viventes, já que do solo brota ano a ano os alimentos que sustentam toda a comunidade. A relação existente entre os antepassados e os viventes reforça a dinâmica exposta no papel desenvolvido pelos ancestrais. Dessa forma, o ritual da fertilidade necessário à estimulação da produção alimentícia em abundância ocorre sempre que o homem sentir necessidade e precisar equilibrar as formas cosmogônicas. O resgate de práticas antigas para fortalecer o tempo presente, constitui-se nos ajustes para efetuar as invocações àqueles entes fortalecedores da vida comunitária, já que na perspectiva bantu o homem só se realiza coletivamente (2019, p.102-103).

As autoras Alda Espírito Santo e Conceição Lima visitam um passado próximo de suas infâncias, mas também um passado mais remoto de uma época em que as narrativas negras são-tomense adquiriram corpo por meio das vozes dos avós, bisavós e tataravós. As narratologias de matriz africana recorrem há um tempo cosmogônico inserido no cenário ordenado e em equilíbrio, articulando discurso, prática e resistência na forma como elaboram seus alimentos, seus rituais diários de convivência, de organização familiar, apesar das vicissitudes da vida diária em um país movido pelas forças ancestrais na forma de estar no mundo. No entanto, o formato de contação e construção poética precisavam trazer para a cena poética os substratos históricos não condizentes com aquela contação tradicional.

UM TEMPO PARA RESISTIR

A escritora Alda Espírito Santo é autora de *É nosso o solo sagrado da terra* (1978), dentre outras obras. A produção literária dessa escritora contribuiu significativamente para o processo revolucionário de São Tomé e Príncipe. O contexto colonial nesse território vivenciou embates diversos. Os povos das ilhas não aceitavam passivamente as ações do colonialismo. A República Democrática de São Tomé e Príncipe é um país localizado na África Equatorial, constituído por duas ilhas principais, nomeadamente – Ilha de São Tomé (capital São Tomé) e Ilha do Príncipe (capital Santo Antão). De acordo com Oliveira, “a ‘grande marcha’ pelo ‘solo sagrado da terra’ torna-se a expressão máxima do discurso literário de

Alda Espírito Santo" (2020, p.131).

A geografia são-tomense dificultou o levante armado nos formatos dos demais países de língua portuguesa, mas abriu espaço para uma luta de resistência, clandestinamente. Segundo Oliveira,

(...) as condições geográficas de São Tomé não propiciaram um levante armado, mas uma luta de resistência clandestina. São Tomé é um pequeno país formado por duas ilhas – Gago Coutinho ou das Rocas e das Cabras –, de dois penedos desabitados denominados Pedras Tinhosas – Tinhosa Grande e Tinhosa Pequena. O poema 'Acordo de Argel' explicita 'a guerra da resistência' em São Tomé e Príncipe com características semelhantes àquela instaurada na Argélia (2020, p. 131).

O movimento libertário tão pontuado no discurso de Santo pode ser detectado nas linhas poéticas do texto "Cacau colono":

Nossos irmãos de Angola
De Angola e Moçambique
Penaram 30 anos de vida
Nas roças de cacau
Dos feudos de S. Tomé
(ESPÍRITO SANTO, 1978, p. 53).

O discurso histórico embasa a poética de Santo. O poema "Cacau colono" advém da experiência histórica vivenciada pelos angolanos e moçambicanos levados a São Tomé e Príncipe na qualidade de escravos e durante séculos trabalharam em condições degradantes. De acordo com Kassana³, em matéria jornalística para promover um reencontro dos descendentes de escravos com o passado colonial em São Tomé e Príncipe, considerado por ele como uma página trágica da História:

(...) o Jornal de Angola foi até ao arquipélago de São Tomé e Príncipe, percorrer antigas roças de cana-de-açúcar, cacau e café, para onde, levados em navios negreiros, como escravos, milhões de angolanos trabalharam durante séculos em condições das mais degradantes, que ultrapassam qualquer racionalidade (KASSANA)⁴.

De acordo com Sarlo, entender o passado é mergulhar em um tempo de conflitos, porque:

A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da

³ KASSANA, Leonel. "Descendentes de antigos escravos falam de calvário". In: *Jornal de Angola*. <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/descendentes-de-antigos-escravos-falam-de-calvario/>, visitado em 18 de março de 2022.

⁴ KASSANA, Leonel. "Descendentes de antigos escravos falam de calvário". In: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/descendentes-de-antigos-escravos-falam-de-calvario/>, visitado em 18 de março de 2022.

lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil entre essas perspectivas sobre o passado é um desejo ou um lugar-comum (2007, p. 9).

Nessa visão pautada na reflexão de Sarlo, coloca-se no centro da discussão o poema “Acordo de Argel” cuja narrativa traça os movimentos da luta de resistência parecida com aquela vivida pelos argelinos:

Povo em armas
Sem fuzis, nem granadas
Realiza a grande batalha da Resistência,
Contra o colosso armado com explosivos,
Capital forte cinco vezes secular.
[...]
Descrença completa, plena
Do mundo da informação
Por país tão pequenino
Sem contar milhão de habitantes.
Camaradas do grande mundo,
A Guerra da Resistência
Deu nome ao secular país:
S. Tomé e Príncipe,
Congelado no passado
nas ilhas do Equador,
Brandiu cacau como arma
Riqueza do grão colono
(ESPÍRITO SANTO, 1978, p. 171-172).

A composição imagética da escrita de Santo redimensiona tempo histórico, memória e poesia para despertar a escuta necessária as transformações sociais e políticas das ilhas são-tomense. Segundo Oliveira:

O contexto histórico-social de São Tomé e Príncipe torna-se objeto singular no plano poético e precisa ser redimensionado via representação na poesia, espaço significante e de jogos de sentidos, para o funcionamento da discursividade de vozes não autorizadas e marginalizadas na sociedade (2020, p. 132).

A fixação de um olhar crítico sobre a sociedade são-tomense como o de Santo e Lima permite ao leitor investigar, escutar e construir uma visão acerca dos referencias fundamentais que embasa a existência dos filhos das ilhas nas suas diversas formas e contextos. Nesse sentido, o poema “O mundo da criança” com sua forma dual - infância e nações em construção – tendo em vista que a voz poética não visualiza apenas os referencias local, mas na qualidade de uma voz ampliada, como ocorre com toda visão filosófica de matriz africana, visa sempre o coletivo para além das terras matriciais, de origem. Vide o texto abaixo:

*Criança do meu país
sem fronteiras
Dentro de mim
Na minha mente*

Eu alimento um sonho
Um sonho cheio de luz
e de flores e de alegria
[...]

*Criança minha
gerada de milhares
de ventres*
Das raízes do mundo
Eu queria escrever
para ti

(ESPÍRITO SANTO, 1978, p. 41-42, grifos nosso).

A linguagem poética acolhe as diversas impressões do mundo empírico no formato de versos, mas nem sempre esse estilo segue uma linha melódica metrificada, já que dependendo da matéria escolhida o sujeito de criação precisa recorrer ao modelo narrativa tão comum na ficção para compor seu texto poético. Diante disso, tanto Santo como Lima utiliza desse artifício para preencher uma lacuna histórica necessária à faculdade de intercambiar experiência. De acordo com Oliveira:

Na recriação da arte de narrar, o escritor recupera a faculdade de intercambiar experiências comunicáveis tão valorizadas na tradição, fonte a que recorreram todos os narradores. A quebra desse ritual memorável pode ser explicada, segundo Walter Benjamin, pela escassez de pessoas aptas a dar continuidade à arte de narrar nos tempos modernos. Esse fenômeno contou, no século passado, com uma forte aliada, ou seja, a experiência da Segunda Guerra Mundial, que dizimou várias comunidades e deixou os sobreviventes “mudos” (OLIVEIRA, 2007, p. 172).

A competência de intercambiar experiência materializada a partir de situações empíricas identificadas na poética de Santo também estão patentes na obra de Lima *O útero da casa* (2004) que traz para a cena literária reflexões poéticas distribuídas em 28 poemas. Apesar da trajetória da escritora ser até esta publicação de participação em coletâneas, no momento em que se dispõe a pensar as questões da “casa” em uma perspectiva discursiva em que a coletividade ocupa o centro matricial de sua escrita, entende-se aqui o papel da escuta como aquela tão valorizada por Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, escritoras de matriz africana no cenário contemporâneo brasileiro.

UM TEMPO PARA VISITAR A CASA MATRICIAL

Escutar e interrogar são verbos que compõem o campo semântico de uma discursividade inquieta como a de Lima, vide as estrofes abaixo do poema “Matria”:

E se me interrogo

é para te explicar
riacho de dor cascata de fúria
pois a chuva demora e o obô entristece
ao meio-dia

Não lastimo a morte dos imbondeiros
a Praça viúva de chilreios e risonhos dedos

Um degrau de basalto emerge do mar
e na dança das trepadeiras reabito
o teu corpo
templo mátrio
meu castelo melancólico
de tábuas rijas e de prumos
(LIMA, 2004, p. 18).

O *útero da casa* se caracteriza como a célula discursiva da memória advinda da essência ancestral capaz de alimentar o processo criativo que nasce do princípio de tudo, o “útero”. Nesse sentido, o primeiro poema do livro é o despertar não só da voz, mas de uma escuta imaginária para acomodar o corpo que se movimenta em um cenário cuja energia advém de outras paragens, porque a “Mátria” lhe quer desperta se ao útero da casa retornar:

Quero-me desperta
se ao útero da casa retorno
para tactear a diurna penumbra
das paredes
na pele dos dedos reviver a maciez
dos dias subterrâneos
os momentos idos

Creio nesta amplidão
de praia talvez ou de deserto
creio na insónia que verga
este teatro de sombras
(LIMA, 2004, p. 17).

A imagem transcrita nas estrofes do poema “Matria” é a de um personagem que tateia as penumbras “das paredes na pele dos dedos” para alcançar “os momentos idos” na amplitude que será pontuada nos poemas subsequentes. As narratologias de matriz africana estão pautadas em um tempo cosmogônico articulado discursivamente por meio da prática e da resistência na forma como elabora os alimentos, os rituais diários de convivência, de organização familiar, apesar das vicissitudes da vida diária.

É claro, que essa reflexão detectada nas escritoras brasileiras nasce da escuta já promovida por autoras e autores oriundos de uma formação filosófica distinta daquela eurocêntrica amplamente disseminada na base da formação

educacional sistematizada no Brasil. Nessa escuta dos seus, Lima projetou sua casa poética de dimensão coletiva e ancestral. A projeção imagética está patente nas estrofes abaixo:

Aqui projectei a minha casa
alta, perpétua, de pedra e claridade.
O basalto negro, poroso
viria da Mesquita
Do Riboque o barro vermelho
da cor dos hibiscos
para o telhado.
Enorme era a janela e de vidro
que a sala exigia um certo ar de praça.
O quintal era plano, redondo
sem trancas nos caminhos
(LIMA, 2004, p.).

Em um chão de planície, o sujeito poético vai, pouco a pouco, fixando seus pés para plastificar nas linhas melódicas ainda que metaforicamente a casa idealizada. Coincidentemente, o número de poemas do livro compreende cronologicamente o período de 28 anos do pós-independência de São Tomé e Príncipe. E para lembrar o 1975 das “utopias”, Lima homenageia, por meio da discursividade dialógica, os mártires, valorizando o tempo passado com sua dimensão histórica na euforia poética:

E quando te perguntarem
responderás que aqui nada aconteceu
senão na euforia do poema.

Diz que éramos jovens éramos sábios
E que em nós as palavras ressoavam
como barcos desmedidos

Diz que éramos inocentes, invencíveis
e adormecíamos sem remorsos sem presságios
Diz que engendramos coisas simples perigosas:
carroceiros em flor
uma mesa de pedra a cor azul
um cavalo alado de crinas furiosas (LIMA, 2004, p. 24-5).

As estrofes anteriores do poema “1975” estabelecem metaforicamente um elo entre o tempo de turbulências com o tempo da escrita literária vinte oito anos depois, pois tudo só é visível na “euforia do poema”. O discurso da memória histórica transformado em matéria poética, negando os velhos discursos de um registro legitimado pela esfera pública transita entre vários poemas do livro. Dito isto, o “eu” poético vai se movimentando nos poemas subsequentes por meio das interlocuções marcadas por termos que sinalizam turbilhão, passos em desequilíbrio presente no poema “Segunda revolta de Amador”:

De novo as nuvens
Cobrirão o pico
e os homens marcharão
sobre a planície

De novo imprevistas
subirão as marés
para lavar dos caminhos
as folhas mortas
e os passos perdidos
(LIMA, 2004, p. 26).

No poema “Ilha”, o eu poético estabelece o espaço para decifrar os sonhos:

Em ti me projecto
para decifrar do sonho
o começo e a consequência
Em ti me firmo
para rasgar sobre o pranto
o grito da imanência
(LIMA, 2004, p. 27).

No poema “Proposta” que pede a rasura das roças e de seus inventores:

Apagaram os canaviais, cacauzais, os cafezais
Rasurem as roças e a usura de seus inventores
Extirpem a paisagem da verde dor de sua íris
E eu vos darei uma narrativa obliterada
Uma esparsa nomenclatura sedenta de heróis
(LIMA, 2004, p. 31).

No poema “Os rios da tribo”, a autora sinaliza a dimensão do rio onde reverbera as tribos e suas culturas:

Que rios reverberam em nosso leite?
Quantas tribos injectadas em teu peito?
Nhá Ambrósio nasceu em Água Izé?
E Katona, Aiúpa, Makolé?
Silva, Danquá, Cassandra, Camblé...
Padiçê, Mé Pó, Filingwé...
Quantos nomes fundam transmutam minha frente?
(LIMA, 2004, p.).

No poema “Gravana”, Conceição Lima dedica a uma escritora representativa da cultura são-tomense Alda Espírito Santo para quem resistir era preciso:

Na nossa terra, amiga, há um tempo
de silêncios e caules ressequidos

Chega com metacarpos definhados
quando na úbua desfalece a trepadeira

Entra com bafo poeirento
rarefeitas as unhas, candrezados os ramos
e ulula de mansinho nos bananais
como um melancólico aviso
(LIMA, 2004, p. 50).

Nas estrofes anteriores do poema “Gravana” detecta-se um diálogo com um “tu” familiar, conhecedor das origens da terra, logo capaz de entender a melancolia que perpassa as interlocuções nas várias metáforas que compõem *O útero da casa* (2004). E para ampliar o dialogismo entre os poemas pontuados aqui destaca “Aniversário”, uma referência ao massacre de Batepá⁵ durante o sistema colonial. A conversa com o passado reforça a dimensão ancestral patente na memória/histórica que precisa ser despertada constantemente para apaziguar os espíritos:

Já não estares aqui
é ainda o mesmo primeiro espanto
sempre que retorno ao quintal, lugar de espera

Partiste em Fevereiro – há tantos dias!
partiste em Fevereiro, eu sei
e não sorrias

quando Ester te cerrou os olhos
se cumpriu o enigma
e o canavial ficou deserto de andorinhas.

Era Fevereiro e a infância sussurrava
na varanda eterna da casa antiga
onde como fogo aceso persiste a tua face
(LIMA, 2004, p. 56).

O apaziguamento dos espíritos pelo movimento poético reforça a memória não sistêmica em especial àquelas presentes no imaginário das mulheres, como bem define Sarlo:

[...] O passado volta como quadro de costumes em que se valorizam os detalhes, as originalidades, a exceção à regra, as curiosidades que já não se encontram no presente. Como se trata da vida cotidiana, as mulheres (especialistas nessa dimensão do privado e público) ocupam uma parcela relevante do quadro. Esses sujeitos marginais, que teriam sido relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam novas exigências de método e tendem à escuta sistemática dos “discursos de memória”: diários, cartas, conselhos, orações (SARLO, 2007, p. 17).

O reordenamento apresentado por Sarlo acerca da memória pode ser lido a partir de uma dimensão poética cujo arcabouço plastifica um estilo narratológico com o intuito de fixar imagens só percebidas nas linhas do texto. Essa

⁵ De acordo com a historiadora Inês Nascimento Rodrigues no texto “As múltiplas vidas de Batepá: memórias de um massacre colonial em São Tomé e Príncipe (1953-2018)” do Dossiê: *Memórias da violência colonial: reconhecimentos do passado e lutas pelo futuro*. O dia 3 de fevereiro de 1953 é um feriado que faz alusão ao início do Massacre de Batepá. O episódio mais doloroso da história das ilhas, mas, simultaneamente, percebido como um momento de ruptura com o sistema colonial, o momento que fez espoletar a luta pela libertação nacional e, portanto, demarcado como o evento fundador do nacionalismo são-tomense. In: <https://www.redalyc.org/journal/1346/134660573002/html/>, visitado em 17 de março de 2022.

composição está patente na escrita de Lima à medida que seu discurso confronta os registros históricos de personagens que povoam imageticamente os seguintes textos: "1975", "Segunda revolta de Amador", "Ilha", "Proposta", "Os rios da tribo", "Gravana" e "Aniversário". Aquelas certezas sinalizadas por Sarlo que estão ausentes nos projetos científicos acadêmicos estão plenamente intuídas nas modalidades não acadêmicas, principalmente nas elaborações escritas pautadas na herança ancestral oral tão pertinente às comunidades negras.

No decorrer das reflexões sugeridas pelos textos das autoras são-tomenses, detecta-se elementos históricos que sinalizam a insubordinação dos insulares frente às ações coloniais. Em Santo, o poema "Cacau colono" faz referência aos séculos de trabalho escravo desenvolvido pelos angolanos e moçambicanos em São Tomé e Príncipe. Em "Aniversário", Lima homenageia os mortos do 23 de fevereiro, data do início do massacre de Batepá. Do ponto de vista da ancestralidade, esses incidentes fraturam o equilíbrio necessário à relação entre os vivos e os mortos, pois os espíritos saem da vida de forma abrupta antes de concluírem suas funções terrenas tanto que na estrofe final do poema "Aniversário" de Lima, o sujeito poético diz: "Era Fevereiro e a infância sussurrava/ na varanda eterna da casa antiga/onde como fogo aceso persiste a tua face" (LIMA, 2004, p. 56).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os efeitos das ações humanas em territórios orientados com os princípios filosóficos pautados na experiência ancestral presentifica uma carga energética distinta e para mantê-la em consonância com a vida comunitária os componentes enraizados naquela casa não podem ser desqualificados, desrespeitados para o bem de todos os membros do ambiente em questão. No entanto, os conflitos provocados por sujeitos externos à organização originária e sem benefício para comunidade gera o desequilíbrio distinto daquele pontuado por Leite acerca da saída do mundo dos vivos em função "da desagregação dos princípios vitais que se encontram sob processos desestabilizadores" (2008, p. 105).

Ainda nessa linha de compreensão do processo de apaziguamento com os tempos passados a dinâmica discursiva de ambas as autoras proporcionam um diálogo conflituoso, pois elas não têm a competência de limpar os feitos humanos desastrosos, mas podem reconhecer por meio da linguagem que os entes retirados do espaço terreno antes do tempo voltam para lembrar o 23 de fevereiro como o

aniversário que não pode ser esquecido, pois a medida que se esquece dos conflitos, abre-se uma porta para que o mesmo ou outros mais complexos se repitam e para que outras faces não insistam em ficar “na varanda eterna da casa antiga” impossibilitado de cumprir seus preceitos terreaux, se faz necessário lembrar o “primeiro espanto” para que o retorno a “Residência” se faça “sem aviso”. Vide o trajeto promovido pelo olhar poético de Lima a partir da visão do personagem familiar, seu pai:

Regressarás pela ladeira velha
sem aviso.
Será como ontem, ao entardecer:
remoto, repentino, o assobio.
E no caminho, um soluço de festa
derramado.

A luz será húmida
a chuva íntima
sobre a marca dos teus pés.
Dedo a dedo, folha a folha
tocarás os cheiros
os sortilégios do quinta –
o limoeiro anão da avó
o decrepito izaquiteiro
o ocá assombradíssimo
o kimi torto
e à entrada, no barro gravado,
o fantasma do bode branco.
O degrau há-de ranger ao primeiro passo.
Subirás devagar, concreto
sem pisar a tábuia solta no soalho.
A porta estará aberta, a tocha acesa
(LIMA, 2004, p. 57-8).

De acordo com Oliveira,

Nessa dinâmica discursiva, pode-se dizer que o espírito tem uma dupla face ou dupla função. Sendo assim, à medida que os cuidados com o corpo foi violado na hora da passagem para um mundo intermediário – lugar onde ficam aqueles espíritos que precisam reencarnar – ou para o mundo do ancestral propriamente dito, esse espírito tende a se manifestar de diversas formas, punindo muitas vezes seus descendentes. A tensão entre o verso e o reverso de uma entidade dual como o espírito está posta e é recorrente em [Santo e Lima]. As marcas da ancestralidade em narrativas modernas e contemporâneas são detectadas de diversas formas, pois essa entidade localiza-se em lugares e objetos distintos (2019, p. 105).

Seguindo este caminho interrogativo e interpretativo dos fatos históricos através da poesia, as autoras Santo e Lima conjugam de formas variadas o verbo resistir para apaziguar os sentimentos dispersos por uma energia em ebulição na casa construída por meio de versos e estrofes que vão pouco a pouco compondo um mosaico de dimensões transcontinental, pois a escuta promovida em São Tomé e Príncipe ultrapassa as cercas para convocar os de dentro e os de fora da África

a resistir e romper com as mazelas que consomem os homens.

Referências:

ESPÍRITO SANTO, Alda. *É nosso o solo sagrado da terra*. Lisboa: Ulmeiro, 1978.

BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da História Regional*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KASSANA, Leonel. "Descendentes de antigos escravos falam de calvário". In: *Jornal de Angola*. <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/descendentes-de-antigos-escravos-falam-de-calvario/>

LEITE, Fabio Rubens da Rocha. *A questão ancestral: África negra*. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.

LEITE, Fabio Rubens da Rocha. <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/11/Valores-civilizatorios-em-sociedades-negro-africanas4.pdf>

LIMA, Conceição. *O útero da casa*. Lisboa: Editorial caminho, 2004.

OLIVEIRA, Jurema. "Alda Lara, Noémia de Sousa, Ana Paula Tavares, Vera Duarte, Paulina Chiziane, Alda Espírito Santo e Odete Semedo". In: OLIVEIRA, Jurema e SOARES, Luis Eustáquio (Orgs.) *Africanidades e brasilidades: ensino, pesquisa e crítica*. 2ª edição revista e atualizada. Vitória: Edufes, 2020. P. 127-137.

OLIVEIRA, Jurema. "A herança ancestral na construção da figuração em *A varanda de frangipani*". In CHAGAS, Sylvania Núbia (Org.) *África e Brasil: culturas híbridas, identidades plurais*. Salvador: Edufba, 2019. P. 97-114.

OLIVEIRA, Jurema. "O preexistente e sua ausência em narrativas contemporâneas de Moçambique, Angola e Brasil". In: OLIVEIRA, Jurema (Org.) *Africanidades e brasilidades: literaturas e linguística*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018.

OLIVEIRA, Jurema. "As marcas da ancestralidade na escrita de autores contemporâneos das literaturas africanas de língua portuguesa". *Signótica*, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 45-67, 2014. <https://doi.org/10.5216/sig.v26i1.29780>

OLIVEIRA, Jurema J. de. *Violência e violação: uma leitura triangular do autoritarismo em três narrativas luso-afro-brasileiras*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2007.

SARLO, Beatriz. *Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

RODRIGUES, Inês Nascimento. "As múltiplas vidas de Batepá: memórias de um massacre colonial em São Tomé e Príncipe (1953-2018)". In: *Dossiê: Memórias da violência colonial: reconhecimentos do passado e lutas pelo futuro*. <https://www.redalyc.org/journal/1346/134660573002/html/>, <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2019.2.32441>